

ESCOLA E CULTURA NA SOCIEDADE DA ESPETACULARIZAÇÃO

Jessyluce Cardoso Reis

Resumo: Este artigo insere-se nas discussões sobre escola e cultura, apresentando indicativos teóricos a partir da reflexão sobre a articulação dos saberes escolares e cultura. Enfoca a questão da transmissão cultural da escola no contexto da sociedade da espetacularização, ressaltando as possíveis implicações da função social da escola no referido contexto. Propõe analisar o antagonismo presente nas práticas do cotidiano escolar decorrentes da forte influência da mídia nos padrões culturais de comportamento de docentes e discentes.

Palavras-chave: Escola, cultura, espetacularização, mediação.

Escola e Cultura

A relação entre educação e cultura sempre representou um ponto nevrálgico no cotidiano escolar, devido às implicações decorrentes da forma como cada docente se apropria do conhecimento.

Em muitos casos, o trato com o conhecimento cai na superficialidade de uma prática pedagógica fortuita e destituída de valor educativo e cultural.

Entre a educação e a cultura existe uma tenuidade que não permite dissociá-las. Entretanto, é preciso compreender a educação em seu sentido amplo, como sendo de formação e socialização do indivíduo. No ato de formar e de socializar faz-se presente a mediação entre mais de uma pessoa, não sendo, portanto, um processo isolado, nem exclusivo da escola. Tendo em vista que a socialização acontece em todas as relações de troca de conhecimentos, de valores e de crenças, tais trocas dão vida ao conteúdo da educação. Alguns conteúdos trabalhados no cotidiano da escola apresentam-se revestidos de padrões institucionais e desviam da real intenção presente na relação Escola e Cultura, que é a de trabalhar o conhecimento com o objetivo de transcender a noção universalista e unitária de cultura.

A cultura, compreendida como um bem comum e exclusivo do ser humano, insere a educação no centro das discussões de natureza antropológica, que direciona a formação identitária em suas subjetividades e intersubjetividades, sem a qual é impossível perceber-se aprendiz.

A ênfase sobre a educação e a cultura, presente no conteúdo trabalhado pela escola, não pode se reduzir à transmissão das experiências acumuladas ao longo da história, mas,

Reciprocamente dir-se-ia que é pela e na educação através do trabalho paciente e continuamente recomeçado de uma “tradição docente” que a cultura se transmite e se perpetua: a

Jessyluce Cardoso Reis é Mestre em Educação, Administração e Comunicação (Universidade São Marcos, SP), Professora visitante dos cursos de História e Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (Uneb – Campus X).

E-mail: jessyluce_reis@yahoo.com.br

educação “realiza” a cultura como memória viva, reativação incessante e sempre ameaçada, fio precário e promessa necessária da continuidade humana (FORQUIN, 1993, p.14).

Educação e cultura se complementam e são pensadas como sendo uma relação orgânica e recíproca de uma mesma realidade. Desse modo, toda educação escolar deve priorizar a seletividade e a reelaboração da cultura a ser transmitida através dos conteúdos que serão destinados à formação das novas gerações. Essa reelaboração pode acontecer através da transposição didática com a função de transformar o conhecimento em conhecimento escolar que, além de refletir o cotidiano vivido pelos alunos fora da escola e dos significados culturais, incorpora as vivências e os aprendizados através da contextualização da aula.

Nesse contexto, a transposição didática assume um papel elementar, pois viabiliza a seleção entre os saberes materiais e os saberes culturais a serem trabalhados na escola.

Pela transposição didática é possível minimizar a ruptura entre cultura e escola. Através da contextualização da aula, do diálogo e das trocas entre docentes e discentes abrem-se possibilidades para multiculturalismo em que circulam diversas manifestações, tanto da cultura popular quanto da erudita. A aproximação dos referidos universos culturais exige práticas educativas em que os conteúdos sejam problematizados através de referenciais políticos, ideológicos, sociais e culturais e a diferenciação entre ambos e sua relação com os demais saberes. A partir de tal problematização configura-se a dimensão seletiva dos conteúdos escolares em sua interface cognitiva e cultural.

O saber ensinado é saber validado pela própria crença de quem ensina. Nesse sentido, as bases epistemológicas e culturais que sustentam a cultura escolar são garantidas pela prática educativa ancorada nos princípios antropológicos e sociológicos, que permitem trabalhar a coletividade face às implicações educativas do pluralismo cultural, já que a escola deve ser

definida como suporte do desenvolvimento singular da pessoa ou como preparação para a vida social (e não mais como iniciação a uma ordem humana ideal, ilustrada por um repertório de referências canônicas), a educação dirige-se doravante a indivíduos particularizados, situados no espaço e no tempo, e cujas capacidades, bem como disposições e expectativas, refletem as características “objetivas” do mundo social e do mundo mental no qual são levados a viver. significa introduzir no interior da fortaleza acadêmica o cavalo de tróia do conceito antropológico e sociológico da cultura (FORQUIN, 1993, p.124).

Dessa forma, o cotidiano escolar deve se revelar como um espaço de convivência em que o discente assume o papel de reconstrutor do seu conhecimento a partir das diversas expressões socioculturais, visto que cada momento histórico caracteriza uma forma de se trabalhar o conhecimento para atender as demandas de uma determinada cultura. Sendo a renovação precedida da tradição, as experiências coletivas caracterizam um determinado grupo de um determinado contexto histórico. Mesmo a escola sendo uma instituição social que possui uma tradição e se traduz pelo seu modelo de gestão pela sua ação pedagógica e seu currículo, esse mesmo espaço se revela, muitas vezes, como espaço dos conflitos ou contradições, construindo a sua história, diante do papel que assume em relação à transmissão cultural de educação. Contudo, em meio à tradição escolar não se deve deixar de perceber

que toda educação de tipo escolar, em seu cotidiano, provoca uma verdadeira seleção no interior cultural e, por conseguinte, provoca uma reelaboração dos conteúdos da cultura destinados a serem transmitidos às gerações futuras, visto que

essa dupla exigência de seleção na cultura e de reelaboração didática faz com que não se possa apegar-se à afirmação geral de uma unidade de educação e cultura: é necessário matizar e especificar, isto é, construir uma verdadeira problemática das relações entre escola e cultura (FORQUIM, 1993, p. 14).

Em Bourdieu e Passeron (1992), a escola possui a função reprodutora das condições impostas pela sociedade. Assim, a sua transmissão cultural está condicionada à repetição de condutas que são manifestadas pelo inculcação do *habitus*. Essa mediação universalizante faz com que as práticas sem razão explícitas e sem intenção significativa de um agente singular sejam pensadas, poder que se manifesta cotidianamente no interior da sala de aula. A escola, ao fazer uso de uma prática pedagógica precária, principalmente, pela deficiência na formação de professor, negligencia os conteúdos culturais.

Para Sacristan (1995), a atual formação de professores é resultante de modelos de socialização profissional voltados apenas para a mecanização da ação pedagógica em que a técnica do ensino sobrepõe os conteúdos culturais.

No entanto, a cultura escolar precisa contemplar o conhecimento a partir da concepção de que todo conhecimento ao se constituir como sistema de significados torna-se cultural. A escola não deve se fechar às demais instâncias culturais na medida em que todas elas, de uma forma ou de outra, ensina algo.

Para Silva (2001), é dessa perspectiva que os processos escolares se tornam comparáveis aos processos de sistemas culturais extra-escolares, como os programas de televisão ou as exposições de museus, ainda que sejam entendidas como instâncias opostas, já que

O que caracteriza a cena social e cultural contemporânea é precisamente o apagamento das fronteiras entre instituições e esferas anteriormente consideradas como distintas e separadas. Revoluções no sistema de informação e comunicação, como internet, por exemplo, tornam cada vez mais problemáticas as separações e distinções entre o conhecimento cotidiano, o conhecimento da cultura de massa e o conhecimento escolar (SILVA, 2001, p.142).

Para Forquin (1993), a cultura escolar é representada por uma seleção prévia dos elementos da cultura humana, científica e popular, de massa ou erudita, compondo um conjunto de saberes que, ao ser reelaborado e didatizado, servirá de base para o conhecimento que será trabalhado pelo professor.

A cultura escolar é concebida por Gómez (2001) como sendo um conjunto de significados e comportamentos, sendo parte integrante desse conjunto costumes, tradições e a rotina que a escola produz e reproduz enquanto instituição social.

Em meio ao desenvolvimento dessa cultura escolar, discentes e docentes, mesmo vivendo realidades paradoxais, são tomados pela cultura gerada no cotidiano da escola corroborando nos contrastes e na construção de novos significados, que são hibridizados ao longo das convivências, pois

Viver a cultura na escola, interpretá-la, reproduzi-la e recriá-la, mais do que aprendê-la academicamente, requer a mesma amplitude e flexibilidade que a vida, isto é, conceber a sala

de aula como um foro aberto e democrático de debate, contraste e recriação das diferentes perspectivas presentes com maior ou menor implantação na comunidade multicultural da sociedade pós-moderna (GÓMEZ, 2001, p. 266).

O trabalho desses saberes escolares e a sua incorporação pelos alunos é parte final do processo de inculcação de práticas estabelecidas pela escola, que variam a concepção de cultura, valores e crenças e permeiam a prática pedagógica através da ação docente, de acordo com o momento histórico. Eis a cultura escolar!

Sobre o conceito de espetacularização

E sem dúvida o nosso tempo [...] prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser... Ele considera que a ilusão é sagrada, e a verdade é profana. E mais: a seus olhos o sagrado aumenta à medida que a verdade decresce e a ilusão cresce, a tal ponto que, para ele, o cúmulo da ilusão fica sendo o acúmulo do sagrado.

Feuerbach

Recorrer à etimologia da palavra espetacularização faz-se necessária para compreensão do uso do referido termo na discussão ora tecida. Do latim *Spetaculum* significa espetáculo que, por sua vez, significa “tudo aquilo que atrai o olhar, a atenção, contemplação vista; representação teatral, cinematográfica e coreográfica; cena ridícula; escândalo” (FERREIRA, 1986, p. 704). As várias definições da palavra espetáculo direcionam para um mesmo alvo: o que não deve passar despercebido.

O principal teórico a tratar da sociedade do espetáculo foi Guy Debord, filósofo francês que, em 1967, publicou a obra “A Sociedade do Espetáculo”, definindo o espetáculo, como sendo o acúmulo de capital ao longo da vida. Em 1988, Debord revisa suas concepções sobre a Sociedade do Espetáculo, reconhecendo quão atualizada estava a sua teoria, já que a sociedade encontrava-se envolvida intensamente pelo espetáculo. Debord (1997) afirma que toda a vida da sociedade na qual se apresentam melhores condições de produção apresenta-se também um grande acúmulo de espetáculos. Dessa forma, tudo que é vivido diretamente se transforma em uma representação.

Presente em muitos fatos históricos da humanidade, a espetacularização, principalmente associada às questões relacionadas à política e religião, no século XX e início do século XXI, ganha maior projeção através dos recursos midiáticos resultantes dos avanços tecnológicos. O que tem fortalecido a relação entre a espetacularização e a mídia.

Denominada de sociedade pós-moderna, emergente, imagética, contemporânea, a sociedade vigente também é conhecida como sociedade da espetacularização, em função do apelo consumista deste século, em que o sujeito não precisa ser, tampouco ter, só precisa efetivamente “parecer ter”. Esse fator condicionante produz nas pessoas a sensação de poder. Tal poder afirma-se através da exposição diante do espectador. Chamando a atenção e demarcando o território no campo do poder simbólico, invisível se contrapõe ao poder real, que, pela espetacularização, o sujeito é projetado de forma sensacionalista. Segundo Debord,

Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no ato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda a parte (1997, p. 24).

Na sociedade do espetáculo é preciso ter platéia, aplausos, olhares... O invisível passa a ser visível; sai do anonimato. Debord (1997) afirma que qualquer coisa ou qualquer um pode aparecer no espetáculo.

Nessa nova configuração de sociedade, são estabelecidas novas formas de comportamento ressonante do modelo capitalista, que é reforçado pela mídia permanentemente e, dessa forma, a maneira espetacular como a mídia se apropria do cotidiano das pessoas reforçam o consumismo, sendo tal disseminação mediadora das relações sociais (FREIRE FILHO, 2005). Na corrida pela atenção do público, os veículos de comunicação vão envolver a grande massa de tal forma que transforma em frações de segundo o anônimo em celebridade.

A cultura da espetacularização no cotidiano da sala de aula

O simbolismo agregado ao paradigma cultural da sociedade contemporânea é caracterizado pela inovação tecnológica, ênfase no consumismo, culto à juventude, dentre outros. Essa nova ordem social coloca a identidade em questão, devido ao estabelecimento de novos campos de conflitos sociais e de novos padrões de comportamento. Para Hall (1999), as velhas identidades que deram sustentação ao mundo social estão em declínio, fazendo surgir novas identidades. Em conformidade com esse pensamento, Bauman (2005) afirma que o presente contexto é feito de uma identidade líquida caracterizada pela efemeridade das relações, pelos frágeis vínculos.

A crise de identidades ora vivenciada é fruto da fragmentação do sujeito que até então era visto como um sujeito unificado. Entretanto, é preciso compreender que o sujeito unificado trata-se da identidade baseada no Iluminismo: concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado. Sobre essa discussão, Hall acrescenta que

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representadas ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes, em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente (HALL, 1999, p. 13).

Essas mudanças perpassam as práticas educativas, pois a escola imprime significados culturais aos seus alunos. Nesse contexto, é preciso que a cultura escolar contemple essa nova concepção de identidade, já que o saber trabalhado na escola é previamente transformado em objeto de ensino, tratando-se, portanto, apenas de uma face do saber.

Em meio à multiplicação das representações culturais no ambiente escolar, o panorama da escola contemporânea é representado pela diversidade cultural de docentes e discentes que, tomados pela cultura da sociedade da espetacularização, também querem “aparecer na fita”, dada a sobreposição da visibilidade sobre os

demais aspectos que legitimam a vida humana.

Visto que nessa líquida sociedade a mídia exerce o poder de fabricar modelos de comportamento que influenciam diretamente no imaginário social, conceitos são colocados como fonte de inspiração para criações sociais e culturais. Se o contexto contemporâneo está impregnado de contradições contínuas, as mediações socioculturais são induzidas pela mídia e refletem na produção de significados, nas interações que vão desde as questões educativas, políticas, econômicas até a questão do gênero, sendo que essa produção de significados auxilia na construção de um novo conhecimento que dá conta de ser significativo para as novas demandas, visto que a escola está repleta de alunos que, dia após dia, se apresentam no universo escolar como uma personagem que varia de papel, figurino, atitude ou mesmo de humor com muita facilidade. Os protagonistas da sala de aula ostentam sem modéstia seus *laptops*, celulares, *palmtops* de última geração, produtos que são sinônimos da espetacularização do mercado capitalista, sociedade do consumo.

É aceitável o uso dos *laptops* como uma ferramenta pedagógica, considerando que o espaço escolar não pode se furtar aos avanços tecnológicos. Entretanto, na maioria dos casos, o uso do referido recurso tecnológico representa para o seu portador uma maneira de sobressair perante os demais colegas, e assim, quanto melhor for a marca, maior a possibilidade de permanecer sob os holofotes.

O consumismo se faz presente no interior da escola desde muito cedo: as crianças que chegam ainda na educação infantil para os meninos: a mochila e estojo *hot wills*; as meninas mochila da “Turma da Mel”. A adereços inúmeros compõem o figurino da criança. A escola se tornou um ambiente propício para tal incidência dado ao caráter socializador do tempo/espaço escolar, a exemplo da hora do lanche. O perfil consumidor dessas crianças se manifesta do simples estojo de grife até a sua alimentação.

As variadas formas de consumo externalizadas pelas crianças determinam também o tipo de grupo social a que pertencem, provocando, desde muito cedo, certa segregação social em meio ao pluralismo cultural de que é formada a escola contemporânea. Essas cenas no cotidiano da sala de aula provocam também o desejo de ter e reforçam a possibilidade do “parecer ter”.

Já para os que não podem “parecer ter” restam os cadernos de última geração e o figurino das celebridades das novelas. O espaço escolar, nesse contexto, representa para muitos desses meninos e meninas, jovens e a até mesmos adultos, o tapete vermelho da fama, já que, em muitos casos, as cenas do cotidiano escolar são hollywoodianas. Sobre o exposto, Pires (2003) afirma que na lógica neoliberal, a própria cultura mundializada transforma-se em mercadoria padronizada e simbolicamente consumida através da mídia. Nesse sentido, Debord (1997) argumenta que

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhes apresenta (DEBORD, 1997, p. 24).

Muitas dessas cenas são rotineiras no espaço escolar, e nada têm em comum

com o ambiente pedagógico da escola. Cabe ressaltar que tais comportamentos se aplicam também a alguns docentes, que se utilizam das alegorias, mitificando sua prática pedagógica. O que leva o discente a concluir o perfil ideal do professor e o “professor show”, aquele que faz da aula um verdadeiro espetáculo.

É preciso interagir com a sociedade midiática, contudo, é preciso, também, definir a cultura escolar, a fim de que os discentes não se apropriem de uma falsa realidade. A criticidade do discente perpassa pela auto-avaliação do seu posicionamento diante dos problemas do cotidiano. Tal reflexão auxilia o discente a compreender o seu universo cultural. Do contrário, corre-se o risco de a escola reforçar essa alienação.

Observa-se no espaço escolar que mesmo as crianças e jovens tornaram-se alvos da indústria do consumo e mesmo aqueles que não possuem os equipamentos modernos têm acesso a eles, através do assédio da mídia, sendo alvejados pelos apelos publicitários. Daí, o consumo exagerado dos produtos que a mídia legitima como sendo a sensação do momento.

Ao se transformar num espaço de espetacularização, a escola pode ser ameaçada do ponto de vista das práticas pedagógicas trabalhadas, já que essas podem não representar nenhum significado para o universo de discentes. Como consequência, a escola pode ser vista apenas como mais um espaço de convivência, assim como o shopping, o espaço das trocas simbólicas relacionadas ao consumo.

Se os significados dependem dos sentidos que são produzidos pela vida social e a cultura, por sua vez está, envolvida na circulação desses significados construídos pelas vivências do cotidiano dos sujeitos tornando-se realidade. Assim, questiona-se: quais seriam os significados que a escola estaria construindo em relação às suas práticas educativas? Com tal questionamento, não se trata de apostar na retomada de uma pedagogia corretiva, mas de trazer para o interior da escola a reflexão sobre a forma como o seu espaço tem sido desterritorializado nesse contexto histórico e de que forma a cultura escolar tem se comportado em meio aos deslocamentos identitários e ao impacto da pós-modernidade nos tempos e espaços escolares.

Retomando a questão da “aula show”, como sendo a aula que de fato satisfaz o aluno e projeta o “professor show” como sendo aquele que tem o perfil ideal para a prática docente, esse raciocínio pode ser associado à concepção da aula como entretenimento. O conhecimento então deixa de ser o foco, provocando um tencionamento entre o real e simbólico. E a escola por sua vez cobra que o discente se ajuste a um perfil que contemple à produtividade, a autonomia e a eficiência. Muitas dessas cobranças aparecem principalmente através dos projetos, pesquisas e seminários.

Ah! Os seminários... A forma como acontecem tem sido motivo de questionamento, principalmente, nas academias, em que os seminários realizados pelos discentes está mais para espetáculo do que para o seu objetivo pedagógico e a disseminação do conhecimento. Do latim *sēmen*, seminário significa semente. Assim, o seminário é o lugar onde germinam as idéias lançadas. No entanto, o que acontece com frequência é uma preocupação com a melhor performance em relação às coreografias, ao figurino e até mesmo ao tipo de lanche e, principalmente, com a ostentação. Em última instância, aparece então, a preocupação com o conhecimento, isso quando ela acontece. Para Debord (1997), o espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem.

Isso posto, convém refletir sobre como lidar com a volatilidade do conheci-

mento nos tempos e espaços escolares, já que o tempo real em que as informações acontecem e a manipulação dessas distorcem o real e imaginário. Por outro lado, cabe o seguinte questionamento: os professores estão preparados para lidar com esse novo perfil de aluno? A formação continuada de professores acontece de forma satisfatória, auxiliando-os numa nova forma de mediação da aprendizagem que contemple a reflexão? Do contrário, a escola estaria gravitando em meio a essa nova realidade.

A mediação da cultura escolar: um desafio na sociedade da espetacularização

Ao longo da história da humanidade, a mediação cultural se revelou como um fator decisivo para a evolução da humanidade. Foi da capacidade de se comunicar e manifestar sentimentos que os seres humanos passaram a explorar seu poder criativo, sua capacidade de pensar e transformar o mundo, imprimindo significados através das suas descobertas. Em Tebar (1994), vemos um exemplo do processo de mediação de nossa cultura:

O indígena que constrói uma canoa a partir de uma árvore caída pode não dizer nada a seus filhos, mas convida-os para observar suas atividades. Sua intenção de passar aos filhos os objetivos de sua atividade aumentará o pensamento de representação deles e as observações das atividades que conduzem a esse objetivo os tornará capazes de dissociar os objetivos dos meios necessários para alcançá-los. As intenções do pai em mediar estão claras nas maneiras com as quais ele adapta suas atividades para torná-las visíveis, compreendidas e finalmente imitadas pelos seus filhos (TEBAR, 1994 p. 26).

Conforme o exposto, percebe-se que a mediação é natural do seres humanos e fundamental para criação de pré-requisitos cognitivos, na medida em que o mediador humano aponta possibilidades que se encontram na solução das situações que desafiam o homem ao longo de seu processo de sujeito aprendiz. Nessa perspectiva, afirma Fonseca (2000):

A aprendizagem assim é compreendida como uma mudança de comportamento provocada pela experiência de outro ser humano e não meramente pela experiência própria e prática em si, ou pela repetição ou associação automática de estímulos e respostas. [...] Neste contexto, a aprendizagem humana não se explica ou esgota apenas pela integridade biológica dos genes e dos cromossomos, nem se limita a uma exposição direta a objetos, acontecimentos, atitudes e situações, mas emerge de uma relação indivíduo-meio que é mediatizada por outro indivíduo mais experiente, cujas práticas e crenças culturais são transmitidas às gerações futuras, promovendo zonas mais amplas de desenvolvimento cognitivo crítico e criativo (FONSECA, 2000 p. 18).

Nesse sentido, as mediações socioculturais que o homem estabelece ao longo de sua vida são de grande importância para as relações do cotidiano escolar por ser a escola um espaço sociocultural.

Se a transmissão cultural exerce a função de difusora dos elementos que compõe uma sociedade, a exemplo do conhecimento, papéis sociais e comportamento, dentre outros, esses elementos são trabalhados através da socialização da cultura escolar que se dá pela mediação entre docentes e discentes. Esse processo representa hoje o grande desafio da escola: o de promover significado no processo

ensino e aprendizagem, através de procedimentos metodológicos que promovam a condição humana frente à espetacularização e ao sensacionalismo que pairam sobre a sociedade vigente. A interação provocada pela mediação da aprendizagem possibilita ao homem significados amplos dos processos socioculturais. Significados que vão além da sua experiência pessoal, o que resulta no entendimento mais profundo da sua relação com o mundo. Compreender a complexidade do mundo globalizado torna-se possível mediante a forma como esse homem compreende os estímulos emitidos pelas mais diversas culturas.

Observa-se que a sociedade da espetacularização inculca nas pessoas o espetáculo como a única via possível. Paradoxalmente, a escola deve conceber tais ações a partir da reflexão proporcionada pela mediação. Se a mediação da aprendizagem ocupa um lugar que possibilita ao educando a superação da privação cultural frente aos desafios impostos pela contemporaneidade, tal experiência apresenta-se como novas perspectivas para o cenário educacional por se tratar de uma experiência que prioriza a educabilidade como fator essencial para compreender o que do velho mundo estaria desaparecendo e o que do novo mundo estaria surgindo. Compreender, inclusive, que no contexto de transformações, a relação epistemológica estabelecida em sala de aula seja parte de uma identidade pedagógica que utiliza a mediação como ponto de partida do ofício dos educadores no contexto híbrido da educação pós-moderna e faz pressupor que, se a escola se caracteriza, sobretudo, por ser um espaço multicultural e deve funcionar como fios interligando e costurando todo o tecido social dessa nova realidade.

Mediante tais mudanças surge a necessidade de repensar o campo do conhecimento e o rompimento provocado pelo deslocamento dos conceitos, valores e crenças, provocados pelo movimento identitário, como já fora mencionado. Para tanto, são estabelecidas novas demandas para as Instituições Educativas, sendo essas basilares para a inovação da prática de ensino considerando como pressupostos: a pesquisa, a educação continuada, a crença e a reflexão.

Em meio à produção cultural vigente e à forma como a tecnologia se utiliza desse processo coloca a escola frente a grandes obstáculos que precisam ser superados através de uma prática pedagógica coerente com as demandas do mundo atual. Entretanto, deve ser uma prática de superação da própria alienação do consumo exagerado, a exemplo do uso da internet pela grande massa. Nas comunidades escolares menos favorecidas, que não dispõem do sistema *wireless*², a grande con-corrente da escola são as *lan houses* que ficam no entorno da escola, o grande espaço de entretenimento do momento. Por outro lado, esses espaços massificam o conhecimento, a exemplo dos jogos em rede que representam grande influência no comportamento de crianças e jovens, como é o caso da agressividade.

Trabalhar os conteúdos escolares na perspectiva dos preceitos interculturais que dêem conta de abarcar as necessidades da sociedade vigente e, ao mesmo tempo, tornar o espaço da escola num espaço de sedução requer dos docentes capacidade para lidar com essas situações conflitantes. Para tanto, é preciso que a cultura veiculada pela escola se dê a partir da contextualização do conhecimento e da transposição didática de maneira que o conteúdo trabalhado seja problematizado considerando o que para o aluno tem real significado, o que de fato dialoga com as suas necessidades, isso posto, a educação para a diversidade será mediadora dos saberes e experiências do educando, pois

Os/as educadores/as não poderão ignorar, no próximo século, as difíceis questões do multi-

culturalismo, da raça, da identidade, do poder, do conhecimento, da ética e do trabalho que, na verdade, as escolas já estão tendo que enfrentar. Essas questões exercem um papel importante na definição do significado e do propósito da escolarização, no que significa ensinar e na forma como os/as estudantes devem ser ensinados/as para viver em um mundo que será amplamente globalizado, *high-tech* e racialmente diverso que em qualquer outra época na história (GIROUX, 2002, p. 88).

Nesse sentido, a mediação da aprendizagem escolar não deve acontecer alheia ao contexto cultural. Se o presente contexto requer resposta para os problemas enfrentados no próprio cotidiano escolar, sendo a principal delas, a emancipação do sujeito histórico capaz de construir seu próprio projeto de vida, ações dessa natureza se revelam como um contraponto a ditadura da sociedade do consumo e respectiva sociedade da espetacularização.

Considerações finais

As discussões aqui apresentadas objetivaram contribuir para a compreensão das produções simbólicas, que se configuram a partir das influências nos costumes, valores, crenças e comportamentos da sociedade vigente, aqui denominada de sociedade da espetacularização. Mediante o estudo aqui apresentado, observou-se a necessidade de refletir sobre a forma como o espetáculo se faz presente nas relações entre a cultura e a escola, sobretudo, no comportamento de discentes e docentes em relação ao campo pedagógico. Dessa forma, é necessário que o conteúdo trabalhado na escola seja referencial para a construção da autonomia do aluno acerca do que está implícito na sociedade da espetacularização.

É preciso que através do processo de mediação da cultura escolar sejam também contemplados subsídios para a interpretação dos elementos da cultura que é projetada através da mídia, a fim de que a escola encontre, mesmo em meio à espetacularização, significados para se refletir sobre o processo de emancipação dos educandos que a escola em sua função socializadora se propõe.

O presente artigo não teve o propósito de apenas tecer críticas às influências sociedade da espetacularização, afinal, a escola não pode se furtar às demandas do contexto histórico em que se encontra inserida. Muito pode ser feito a partir da análise reflexiva do contexto da situação-problema, principalmente, no que se refere à cultura escolar. Se a sociedade consumista reflete diretamente no comportamento dos educandos, é preciso que a escola utilize estratégias de mediação nos processos educativos que sejam contextualizadas com os significados culturais dos alunos, sem, contudo, perder a oportunidade de revelar os signos da realidade e desvelar o poder simbólico. Este último tão presente no poder da mídia através dos padrões e da legitimidade desses no cotidiano. Ora! Se o conhecimento trabalhado na escola não está sendo capaz de provocar tal reflexão nos discentes e docentes, urge que a cultura escolar, através da mediação do conhecimento, seja repensada.

Notas

- 1 Alusão ao tapete vermelho por onde passam os astros do cinema para receber o Oscar.
- 2 Uma rede de computadores sem fio, sem a necessidade do uso de cabos – sejam eles telefônicos, coaxiais ou ópticos.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução Plino Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CANAU, Vera Maria(Org.). *Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- _____. *Reinventar a escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- CORTELLA, Mario Sergio. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. 6. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: contraponto, 1997.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1986.
- FORQUIN, Jean Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.
- GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- _____. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz T. *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GOMÉZ, A. I. Peréz. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- MORAES, Maria Cândida de. *O paradigma educacional emergente*. São Paulo: Papyrus, 1998.
- RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Espectáculo, cultura e idade média*. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br>>. Acesso em: 09 abr. 2009.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio (Orgs). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis : Vozes, 1995.
- WOOD Jr., Thomaz. *Organizações espetaculares*. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2001.

Artigo aprovado em maio de 2009.

Abstract: This article is part of the discussions on school and culture, shows from the theoretical reflection on the articulation of knowledge and school culture. Focuses on the issue of cultural transmission in the school context spectacularization society, emphasizing the possible implications of the social function of schools in that context. Proposed review, the tension present in the daily school practices arising from the strong influence of the media in the cultural patterns of behavior of teachers and learners.

Keywords: School; culture; spectacularization; mediation.